



“A população tem envelhecido e, pior, vive os seus últimos anos de vida com muito pouca qualidade, por múltiplas comorbidades e poucos apoios”

Um mundo que cuide dos familiares doentes

CELEBRAÇÃO ♦ No nosso dia a dia, temos a obrigação de celebrar a vida e não pugnar pela morte

ANTÓNIO ARAÚJO
MÉDICO



No Natal celebra-se a vida, o nascimento de Cristo... E no resto do ano?

Portugal tem vivido tempos muito preocupantes a nível da saúde. A população tem envelhecido e, pior, vive os seus últimos anos de vida com muito pouca qualidade, por múltiplas comorbidades e poucos apoios. No entanto, o seu grau de literacia, embora baixo, aumentou e o seu grau de exigência, até pelo atual fácil acesso a informação, sofreu um incremento assinalável.

Mas o Serviço Nacional de Saúde (SNS) não se atualizou, tem uma dívida enorme e não corresponde minimamente aos anseios dos seus profissionais de saúde nem às necessidades dos cidadãos. Os hospitais estão continuamente sobrelotados e existe uma enorme falta

de recursos humanos (particularmente na área dos cuidados paliativos intra-hospitalares e domiciliários) e de unidades de cuidados continuados e de paliativos. Para piorar o cenário, os portugueses são um povo pobre e, no seio familiar, os potenciais cuidadores são obrigados a trabalhar ambos para garantir um sustento adequado, pelo que estão muito pouco disponíveis para cuidar dos seus familiares mais idosos doentes, porque tal equivaleria a despedimento certo e o Estado não protege, de todo, esses cuidadores informais.

Neste panorama, é iníquo falar de liberdade individual e de um real poder decisório sobre a declaração antecipada de vontade, vulgo testamento vital, ou de eutanásia. Pois não podemos esconder o facto de que no final da vida e por essa completa ausência de apoio, os idosos aca-

PERFIL

Licenciado pela Universidade do Porto, António Araújo é o atual presidente do Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos. Especialista em Medicina Interna e Oncologia, tem-se revelado particularmente crítico relativamente ao desinvestimento que tem vindo a ser feito no SNS. “O maior desafio da Saúde nos próximos anos está relacionado com o seu financiamento.”

bam por se sentir inúteis e um fardo para as suas famílias e, quantas vezes, desejam terminar a sua vida antecipadamente apenas pela depressão que esses sentimentos induzem. Por tudo isso, é perverso referendar a eutanásia, sem pri-

meiro criar as condições para que os cidadãos possam, efetivamente, decidir sobre este assunto de uma forma completamente livre e desprovida desses condicionalismos.

O SNS e o Estado têm de apostar nas unidades de cuidados continuados e paliativos, têm de reforçar e proteger o papel dos cuidadores informais, têm de disponibilizar cuidados de saúde, particularmente no final de vida, que correspondam às necessidades reais. Só após isto estar cumprido poderemos livremente discutir sobre a eutanásia. Porque, no nosso dia a dia, temos a obrigação de celebrar a vida e não pugnar pela morte. Eu gostaria de deixar aos meus filhos um Mundo em que se respeite e se cuide dos familiares doentes, em que se promova a estrutura e a felicidade familiar. ♦